

# País está diante de uma encruzilhada, diz economista

Cynthia Malta  
De São Paulo

O Brasil está diante de uma encruzilhada no sistema financeiro mundial, que tem no centro os Estados Unidos. Segue o caminho trilhado pelo "grupo do comércio", formado por países asiáticos, que intervêm no câmbio para manter a moeda desvalorizada, exportam muito para os EUA e acumulam grande volume de reservas. Ou confirma sua posição no "grupo da conta de capitais", integrado por Europa, Canadá e Austrália, que deixam sua moeda flutuar em relação ao dólar e têm a conta de capitais aberta.

A proposição, estendida à maior

parte dos países em desenvolvimento, é feita por Michael Dooley, professor da Universidade da Califórnia-Santa Cruz há 14 anos e que por mais de 20 integrou o departamento de pesquisas do Fundo Monetário Internacional.

"Na América Latina, aqueles (países) impacientes por crescer via exportações optarão por um comércio livre, câmbio fixo e desvalorizado em relação ao dólar, e (um regime) de intervenção e controle de capitais. Em resumo, o modelo de desenvolvimento da Ásia", afirma Dooley no estudo sobre o sistema financeiro internacional que servirá de base para a palestra que fará na próxima segunda-feira em São Paulo, no I Fórum de Eco-

nomia da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O fórum, que termina na terça-feira, terá a participação do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu.

O estudo de Dooley, escrito com David Folkerts-Landau e Peter Garber, foi publicado pelo National Bureau of Economic Research, organização privada que se orgulha de ter entre seus pesquisadores 12 dos 31 americanos que já ganharam o Nobel de economia e cuja sede está instalada na elegante Quinta Avenida, em Nova York.

Para Dooley, o mundo hoje revive, de certa forma, a estrutura do sistema monetário do pós-guerra. Há 60 anos, os EUA, vencedores da

guerra, eram o centro do mundo e a Europa e o Japão, cujas economias haviam sido destruídas, estavam na condição de periferia emergente. Esses países periféricos adotaram uma estratégia de desenvolvimento determinada por moeda desvalorizada, controles no fluxo de capitais e no comércio, acumulação de reservas e o uso da região central — os EUA — como intermediário financeiro que prestava credibilidade a seus sistemas financeiros. Os EUA, por sua vez, supriam a periferia com crédito de longo prazo via, em geral, investimentos diretos.

Uma vez reconstruído o capital e restauradas suas instituições, Europa e Japão progrediram,

saindo da periferia e indo para o centro do sistema financeiro internacional. Eles não mais precisavam do câmbio fixo ou do controle na conta de capitais.

Dos anos 80 para cá uma nova periferia formou-se, mas dividiu-se em dois modelos diferentes de desenvolvimento. Há o grupo, ao qual o Brasil pertence, que foi encorajado "a unir-se ao centro diretamente, abrindo seus mercados de capitais imediatamente". O segundo grupo — formado por China, Taiwan, Hong Kong, Cingapura, Coréia e Malásia — escolheu a mesma estratégia usada por Europa e Japão no pós-guerra.

O peso desses periféricos asiáticos, afirma Dooley, não é pequeno.

"Os mercados emergentes não podem mais ser tratados como pequenos países, sem peso em relação ao centro. A certa altura, a atual periferia asiática alcançará o estágio que os colocará também no centro e vão flutuar (a moeda)", prevê o professor. Isso levará, calcula, cerca de 10 anos para acontecer "e, muito provavelmente, haverá nova onda de países, como a Índia hoje, prontos para formarem uma nova periferia".

O ex-ministro e professor da FGV, Luiz Carlos Bresser Pereira, concorda. "Os países asiáticos estão crescendo com a desproporção externa. Eles têm superávit em conta corrente", diz. Para ele, o modelo do Brasil é um "desastre".